

## CONCEPÇÕES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Celina Martins de Mello<sup>1</sup>  
Silvia L. Frateschi Trivelato<sup>2</sup> (orient.)

### Resumo

Este trabalho examina a diversidade de concepções de Educação Ambiental encontradas no cenário brasileiro. A partir da análise de aspectos como conceito de meio ambiente, proposta de transformação social entre outros itens, e da categorização criada por outros autores é construída uma tipologia das "Educações Ambientais", visando a identificação de diferentes linhas de ação e a reflexão crítica dos atores envolvidos no fazer ambiental.

### A diversidade

O campo dos conhecimentos e práticas em Educação Ambiental se Constitui como um território complexo e paradoxal. Complexo, porque são muitas as áreas interligadas nos diferentes trabalhos e projetos e paradoxal porque pode-se identificar concepções e propostas contraditórias em meio a essa variedade de ações.

Nesta perspectiva, destaco a colocação de Reigota (1998), para quem:

"A temática ambiental brasileira é variada e complexa, assim não poderia ser diferente a forma de se trabalhar com ela na Educação Ambiental. Se analisarmos brevemente os vídeos, resumos e relatórios de experiências, reportagens na televisão ou publicadas nos jornais mais conhecidos do país, as cartilhas, os livros, as teses, dissertações, monografias, enfim. os diversos documentos existentes, poderemos confirmar essa diversidade conceitual e metodológica." (p.1 1)

Essa diversidade de idéias e práticas é reflexo da própria natureza-constituição da Educação Ambiental, que se deu e se dá pela interligação de diferentes áreas e é ainda indicador da história recente deste campo. Apesar de se contar com quase quarenta anos de Educação Ambiental apenas recentemente (a partir de meados da década de 1990) é que se tem procurado aprofundar as reflexões teóricas e metodológicas, em busca de uma epistemologia da Educação Ambiental. Em trabalhos, encontros e congressos têm-se enfatizado a necessidade de maior aprofundamento teórico para a área de Educação Ambiental:

"As últimas três décadas foram constituindo os antecedentes históricos da educação ambiental. Elas poderiam ser caracterizadas como tempos de busca de uma conceituação para a educação ambiental. (...)A educação ambiental ainda carece de uma conceituação mais elaborada. Mesmo entre os educadores ambientais não existe ainda consenso mínimo sobre o que é educação ambiental" (Grün, 1996, p.19 e 20)

<sup>1</sup> Pós-Graduanda - Mestrado - da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

<sup>2</sup> Profa. Dra. do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Uma importante contribuição no cenário da Educação Ambiental brasileira foi o projeto "Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: Materiais Impressos" (Trajber & Manzochi, 1996), realizado pelo "Instituto Ecoar para a Cidadania". Este trabalho trouxe importantes subsídios no sentido de sistematizar materiais de Educação Ambiental e promover a reflexão a partir de diversos enfoques sobre a Educação Ambiental. Entre alguns dos aspectos analisados estão: a análise do discurso, a questão do gênero, a perspectiva pedagógica, os aspectos jornalísticos, lúdicos e a questão da educação popular. Nas diretrizes e sugestões finais do trabalho encontramos um conselho aos educadores:

"Não existe texto neutro. Todos partem de alguma concepção de mundo, que mesmo não explícita, está subjacente e aberta para interpretações. Uma das funções do educador e da educadora é estar alerta para a diversidade de visões, explicitando-as e trabalhando com elas." (Trajber et al, 1996, p 33)

Torna-se essencial que os educadores, em primeiro lugar, percebam que carregam valores e concepções, e que sua atividade docente expressa das mais diversas maneiras, consciente ou inconscientemente, esses valores e concepções.

Em segundo lugar, é preciso refletir sobre a própria Educação Ambiental que se pratica, é necessária uma análise mais cuidadosa sobre os pressupostos epistemológicos assumidos. A Educação Ambiental não é neutra, e não se pode passar uma única concepção como a definição geral, absoluta e verdadeira ou ainda, não se deve trabalhar orientado por uma proposta "ideológica" sem ao menos se procurar estar consciente ou assumindo tal posição.

"A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.(...)

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a própria prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.(...) Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar. de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica."

(Paulo Freire in *Pedagogia da Autonomia*.  
1996)

Não é mais razoável que os educadores ambientais, enquanto educadores que são, se abstraiam de pensar a própria prática e os caminhos tomados, em um âmbito maior que os resultados práticos atingidos. Falo dos resultados práticos porque muitos dos trabalhos de Educação Ambiental avançam apenas até a verificação da "eficiência" (sendo esta entendida das mais diversas maneiras) das atividades propostas e realizadas, como forma de avaliação do trabalho, prescindindo de uma reflexão mais profunda.

### **Desenhando o quadro**

As concepções de Educação Ambiental (EA), seu histórico e discursos têm sido alvo de trabalhos que procuram construir categorizações mediante a análise de alguns aspectos, como por exemplo modalidades de atividades envolvidas ou corrente política relacionada.

A análise de Eliane Simões (1995) examinou vários discursos da área da EA, tentando, em meio aos chavões e redundâncias dos textos encontrados, determinar a verdadeira origem destes discursos e que tipo de práticas eles refletem. A autora aponta não apenas a diversidade e contradições dessas falas como também as diferentes idéias ou concepções de EA que podem ser encontradas atualmente no cenário ambientalista brasileiro.

Marcos Sorrentino (1995) faz uma análise das diversas "Educações Ambientais", pautando-se em diferentes critérios, como o histórico do movimento ambientalista ou o tipo de atividade envolvida identificando quatro correntes principais. De algum modo todas essas correntes procuram contribuir para a conservação da biodiversidade, para a "autorealização individual e comunitária" e para a autogestão política e econômica. Isto se dá por intermédio de processos educativos que promovem a melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida. Alguns temas também são comuns à maioria dessas correntes como a Biologia, a espiritualidade, a cultura, a política e a economia.

Um projeto realizado pela Coordenadoria de Educação Ambiental (Ceam) da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo analisou alguns aspectos e tendências dos trabalhos de Educação Ambiental realizados pela rede estadual de ensino (de 1988 a 1991). Entre várias outras análises, construiu um quadro de referência das concepções de Educação Ambiental e meio ambiente encontradas (São Paulo, 1994). Embora seja um quadro referente ao âmbito escolar, ele é utilizado na referência a outras tipologias por considerarmos que a Educação Ambiental na escola guarda, com as devidas proporções, muitas semelhanças com outras situações de ensino-aprendizagem da Educação Ambiental como um todo.

Ao invés de tentar assumir uma dessas categorizações para comentar as diversas abordagens de Educação Ambiental, procurei tecer minha própria tipologia, agregando novos elementos.

As categorizações encontradas nos trabalhos consultados forneceram importantes subsídios para as presentes reflexões. Entretanto, somo a elas outros aspectos teóricos que serão examinados e considerados para o estabelecimento da tipologia.

Para a construção dessa tipologia analisei os seguintes fatores: dados de observações, práticas vivenciadas no decorrer de minhas experiências na área e ainda elementos de discurso recolhidos de livros, artigos, programas e relatos de atividades de Educação Ambiental. Não escolhi analisar apenas discursos ou somente práticas por considerar que diferentes elementos enriqueceriam os exemplos citados na categorização e a tornariam mais consistente.

### **Outros aspectos de análise**

Na construção da minha própria tipologia procurei analisar, quando possível, alguns aspectos que considero essenciais em uma concepção de Educação Ambiental como: a proposta de transformação social, a relação homem-natureza, a concepção de meio ambiente, a metodologia empregada e tipos de atividades e conteúdos mais presentes. Cada um desses elementos é examinado a partir da análise de um ou mais autores, como colocado a seguir.

### **Transformação social**

Para abordar a questão da transformação social tomei por base o trabalho de Isabel Carvalho (1991), que realizou uma profunda análise dos discursos oficiais das entidades governamentais e das diferentes entidades ligadas ao movimento ecológico. Ela identifica os diversos significados desses discursos, que tentam criar a seu modo, diferentes interpretações dos acontecimentos ecológicos. A autora examina o discurso ecológico oficial (realizado por governos e entidades governamentais), que toma impulso na década de 70. e os discursos dos movimentos ecológicos, que são analisados sob a ótica dos movimentos sociais.

A principal característica do discurso ecológico **oficial** é que este, embora se aproprie das críticas levantadas pelos movimentos ecológicos do início da década de 70, oferece soluções que "reconciliam preservação, qualidade de vida e o crescimento industrial" (p. 21). O modelo de desenvolvimento resultante congrega elementos como tecnologia ambiental, crescimento zero, economia do Estado estacionário e ecodesenvolvimento. Os problemas e as soluções ambientais são analisados do ponto de vista puramente técnico, excluindo da discussão ambiental os aspectos sociais, políticos e históricos.

Para a autora o movimento ecológico **alternativo** (ou seu discurso) deve ser analisado no contexto dos novos movimentos sociais, como o movimento dos negros, das mulheres, dos homossexuais e outros, pois, como os demais, está inserido em uma luta pela transformação dos valores e comportamentos da sociedade contemporânea.

É caracterizado como um movimento social porque realiza uma crítica ao modo de produção vigente e considera que a solução para os problemas ambientais perpassa uma grande transformação social:

"O ecologismo critica o utilitarismo não apenas nas relações ao interior da sociedade (como faz o marxismo) mas também e fundamentalmente nas relações homem-natureza." (Viola, 1987 apud Carvalho, 1996, p. 38).

Entre os valores compreendidos nessa transformação social a autora destaca a igualdade humana, o pacifismo, o respeito à vida, a autonomia e uma visão não utilitarista da natureza.

### **Relação homem-natureza**

Uma das questões mais complexas levantadas pelo movimento ambientalista é a que diz respeito à relação do homem, organizado em sociedade, com a natureza.

O trabalho de Mauro Grun "*Ética e Educação Ambiental*" (1996), busca a epistemologia da Educação Ambiental e discute alguns pressupostos filosóficos relacionados ao ambientalismo. Grun aprofunda a discussão sobre a "relação homem-natureza" e relaciona questões históricas e sociais com os diferentes pressupostos filosóficos que foram surgindo no decorrer da evolução desta relação.

Nas análises que se seguirão no entanto, procurei adotar uma divisão usual, comentada por Diegues (1996), por se tratar de uma análise mais sucinta e direta.

Basicamente são distintas duas grandes linhas na análise da relação homem-natureza:

a) **biocêntrica ou ecocêntrica**, é aquela que entende o homem como mais um ser vivo inserido na natureza e reconhece um valor intrínseco ao mundo natural, independente da utilidade que este possa ter ao homem.

b) **antropocêntrica**, opera na dicotomia homem-natureza, tendo suas origens na ética antropocêntrica, humanista e no pensamento cartesiano, que situam o homem externo ao mundo natural. A natureza só tem valor quando é de utilidade para o homem, que tem direito e posse sobre ela, sobretudo por meio da ciência moderna e da tecnologia (Diegues, 1996)

### Conceito de meio ambiente

Os conceitos de meio ambiente são investigados com referência em Reigota que trata das representações sociais de meio ambiente. O autor considera como básico em qualquer projeto de Educação Ambiental delimitar-se o conceito de meio ambiente envolvido pois este conceito relaciona-se intimamente com a Educação Ambiental que será realizada (Reigota, 1994b, p.321).

Reigota fala em representações sociais pois considera que se poderia elencar uma série de definições mas que não havendo consenso deve-se investigar os diversos conceitos de cada grupo. Assim, ele identificou, ao longo de suas pesquisas, dois grandes grupos de representações sociais deste conceito:

a) o grupo assim denominado **naturalista**, para o qual meio ambiente é sinônimo de natureza:

b)

"(...)o homem é enquadrado como a nota dissonante co meio ambiente, ou seja, o componente depredador por excelência. Os elementos citados com maior incidência são os abióticos (água, ar, solo) e os bióticos, denominados genericamente como seres vivos." (Reigota, 1995, p.74)

b) e um grupo para o qual meio ambiente é

"(...)um lugar definido e/ou percebido onde os aspectos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em constante interação. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológicas e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade." (Reigota, 1994a, p. 21)

### Metodologia e Conteúdo

Os aspectos focados nesta parte da análise referem-se principalmente à metodologia de trabalho empregada pelos programas de Educação Ambiental e, posteriormente na análise dos dados, outros aspectos serão levados em conta, como o grau de participação e autonomia dos alunos-participantes e a relação professor-monitor/aluno.

Para a análise pedagógica das metodologias utilizadas em práticas de Educação Ambiental utilizo especialmente o trabalho de Mizukami (1986) que sistematiza algumas abordagens pedagógicas: a tradicional, a comportamentalista, a cognitivista, a humanista e a abordagem sócio-cultural. A autora examina diversos aspectos dessas diferentes linhas, como

o papel da escola, a relação ensino/aprendizagem, a relação professor/aluno, a metodologia e as propostas de avaliação empregadas, entre outros fatores, ressaltando as características mais presentes em cada uma dessas abordagens.

O conteúdo tratado nas atividades de Educação Ambiental examinadas também é um importante item de análise e categorização da linha de EA adotada. Conteúdo aqui na acepção de Coli (1998) para quem este termo vai além dos conhecimentos conceituais e abrange igualmente procedimentos e atitudes. Na construção da minha análise procuro examinar os conceitos mais comumente presentes nas atividades de Educação Ambiental de cada linha e ainda, quais são as principais procedimentos e atitudes reforçados nestes trabalhos, ainda que não explícitos.

O paralelo traçado com os discursos e práticas analisados tem certamente várias restrições e não pretende ser um tratado pedagógico da Educação Ambiental. Não se pode qualificar rapidamente toda uma prática ou um discurso em relação à sua abordagem pedagógica, é o tipo de análise profunda e que requereria mais tempo. O que se pretende alimentar um processo já em andamento, ainda que não preponderante) de reflexão sobre **alguns aspectos pedagógicos** das educações ambientais identificadas nesta análise.

### As "educações ambientais"

Tomando por base as análises feitas por Simões, Sorrentino e pela SMA, que realizam diferentes agrupamentos de Educação Ambiental, e o estudo sobre alguns aspectos específicos (elementos de análise - item 1.2.1) construí uma tipologia das 'Educações Ambientais'.

Nesta análise procuro traçar relações e fazer uma síntese desses diferentes trabalhos com os aspectos elencados anteriormente (transformação social, conceito de meio ambiente etc), tendo como objeto de análise discursos e programas da área ambiental e práticas que tenho vivenciado em alguns anos de experiência na área.

É importante ressaltar que, da mesma forma que outras categorizações citadas, a tipologia construída nesta análise não pretende valorar qualquer uma das concepções ou ser absoluta e abarcar todos os aspectos da Educação Ambiental. Como toda classificação é parcial e artificial, não expressando totalmente a diversidade de combinações de pensamentos e práticas de Educação Ambiental.

Pretende-se apenas contribuir no sentido da reflexão sobre as práticas e metodologias empregadas atualmente, procurando agrupar e situar discursos e práticas de Educação Ambiental, em um contexto mais amplo.

### Grupo Conservador

**O primeiro grupo** elencado tem fortes raízes nos primórdios da Educação Ambiental, quando esta focava-se especialmente na extinção dos recursos naturais e na degradação da natureza. Em sua análise sobre a evolução dos conceitos de Educação Ambiental Dias (1992) traz esta definição como uma das primeiras conceituações de Educação Ambiental:

um processo que deve objetivar a formação de cidadãos, cujos

conhecimentos acerca do ambiente biofísico e seus problemas associados possam alertá-los e habilitá-los a resolver seus problemas " (Stapp et al., 1969 apud Dias, 1992, p. 25).

Este grupo caracteriza-se por uma concepção de meio ambiente fundamentada na Biologia, onde este é a composição dos elementos bióticos e abióticos ("*ambiente biofísico*

Outro elemento comum, a estes discursos e práticas é a concepção da relação homem-natureza utilitarista e/ou destruidora, no qual a degradação do meio ambiente só deve ser combatida porque representa um perigo para a própria humanidade e porque os recursos naturais são essenciais à nossa existência. A ênfase é dada nas questões de destruição do meio ambiente e não são apresentadas alternativas para o manejo sustentável ou a construção de outra relação com a natureza:

"A preocupação com o meio ambiente tomou vulto internacional devido à crescente degradação e, em alguns casos, até ao esgotamento dos recursos naturais.(...) Neste contexto, o desenvolvimento de práticas de Educação Ambiental destaca-se como uma estratégia para a reversão do processo de degradação e para a conservação e utilização racional dos recursos naturais."(São Paulo, 1991).

Para Sorrentino estas características estão muito presentes na corrente por ele denominada de "Conservacionista". Ela surge nos países desenvolvidos e ganha impulso com o livro "Primavera Silenciosa" de Rachel Carlson, em 1962. Nesta linha os atores principais são os ambientalistas, que refletem sobre as causas e consequências da degradação ambiental. Sorrentino destaca que no Brasil essa corrente aparece com a atuação de entidades conservacionistas, especialmente na região Sul do país.

A proposta pedagógica mais presente neste grupo é a tradicional, caracterizada por ser um ensino vertical, onde a transmissão do conhecimento é centrada na figura do professor e o aluno/participante é visto como um ser passivo, receptor de informações. A partir destes princípios gera-se uma metodologia baseada em exposições, onde o aluno pouco participa e seu aprendizado é avaliado conforme a memorização do conhecimento (informação) exposto. Muitas atividades de Educação Ambiental refletem esses princípios pedagógicos quando propõem que os alunos façam uma trilha, ouvindo um grande número de informações e conceitos, e supõem que dali saia alguém consciente e agente transformador da sociedade. Em geral, estes programas abordam apenas os conteúdos de Ecologia que são tratados no Ensino Médio, e não se referem às questões históricas e sociais ou mesmo afetivas e de valores<sup>3</sup>.

No diagnóstico realizado pela SMA o primeiro grupo de concepções de Educação

---

<sup>3</sup> É claro que palestras e momentos de divulgação de informações são necessários nos processos educativos e com a Educação Ambiental não é diferente. mas se muitos dos programas de Educação Ambiental tem como princípio a participação de todos. como por exemplo, a Agenda 21, que é base para uma série de ações governamentais no campo da Educação Ambiental as atividades devem englobar informações, mas ir além delas: "Educação. incluindo a educação *formal*, a conscientização e o treinamento. deverá ser reconhecida como um processo pelo qual os seres humanos e as sociedades podem atingir o seu potencial máximo. (...) Para surtir efeito, a educação ambiental e para o desenvolvimento deverá tratar da dinâmica tanto do ambiente físico-biológico quanto do sócio-econômico e do desenvolvimento humano (...)" (São Paulo. 1994)

Ambiental identificado guarda algumas semelhanças com o grupo conservador de nossa análise, especialmente em relação ao conteúdo abordado e dinâmicas mais utilizadas:

"(...) considera como Educação Ambiental as atividades vinculadas a uma data/evento relativo ao meio ambiente, ao calendário de festas nacionais ou à programação das Delegacias de Ensino, como exposições, festas para pais, Feira de Ciências, entre outras. (. . .) Os temas abordados são amplos: meio ambiente, equilíbrio ecológico, preservação, ecologia (...) e as estratégias usadas as mais variadas: pesquisa bibliográfica, confecção de cartazes (...)." (São Paulo, 1994)

As atividades mais comuns identificadas neste grupo são as trilhas interpretativas, cursos de "capacitação" com aulas expositivas para os professores, exposições e feiras, comemorações relativas ao meio ambiente e palestras.

Estas atividades encontram consonância em vários pontos com a corrente da "Educação ao Ar Livre", segundo tipo de Educação Ambiental identificada por Sorrentino (1995). Aqui aparecem atividades como caminhadas ecológicas, trilhas de interpretação da natureza, montanhismo, turismo ecológico etc. Seria a Educação Ambiental realizada por naturalistas, escoteiros, grupos de espeleologia, ecoturistas e outros mais.

Esses tipos de estratégias também são bastante comuns no segundo grupo de concepções de Educação Ambiental identificado no diagnóstico da SMA (São Paulo, 1994). O conceito de natureza neste grupo relaciona-se com a idéia de "área natural" e em geral, preservada e as atividades objetivam "entender os fatores e inter-relação que regem aquele ecossistema", estudando temas como caracterização física dessas áreas, fauna e flora presentes etc. O diagnóstico ressalta ainda que este tipo de trabalho sofreu e sofre influência dos trabalhos de Educação Ambiental realizados em algumas unidades de conservação do estado.

Na análise feita por Eliane Simões a autora identifica alguns elementos comuns à maioria dos "discursos ambientais", mas que embora sejam identificados na maioria dos discursos estes elementos estão mais caracteristicamente presentes num grupo que ela denomina de "conservador e conservacionista":

- intenção em promover atitudes, comportamentos, habilidades e/ou ainda capacidades para a preservação da natureza e a busca de soluções para os problemas ambientais;
- idéia de interdependência de elementos biofísicos e sociedade;
- busca do equilíbrio ambiental;
- idéia de unidade planetária;
- interdisciplinaridade ou holismo no tratamento da temática ambiental.

O discurso conservador identificado por Simões traz ainda outros pontos essenciais que o identificam em meio a tantos discursos e promove algumas semelhanças com o primeiro grupo identificado em nossa tipologia. É um grupo que

"entende a EA como o caminho para a mudança de atitudes em relação à natureza, sem pretender no entanto grandes transformações sociais"  
(Simões, 1995. p. 33)



Segundo Simões nesses discursos há a transposição de conceitos da Ecologia para a compreensão das questões sociais e isto promove um "reducionismo ideologizante" das questões sociais.

Em relação às práticas educativas, na análise da autora este grupo caracteriza-se por um entendimento tradicional de Educação, pelo qual esta teria como objetivo implantar normas e padrões de comportamento. Este princípios são coerentes com a identificação de ensino tradicional para este grupo em nossa análise.

### Grupo da Ecologia Social

O segundo grupo de concepções de Educação Ambiental é caracterizado por unir correntes diversas, aqui identificadas por diferentes autores. Essas linhas de Educação Ambiental apontam um entendimento mais global da questão ambiental, porém menos comprometido com questões políticas que o terceiro grupo apontado em nossa análise.

Historicamente, essas outras linhas de Educação Ambiental surgem após a linha mais conservadora, com a contribuição das Ciências Humanas à dimensão dos problemas ambientais e com a evolução de alguns conceitos, entre os quais o de meio ambiente:

"(...)a evolução dos conceitos de Educação Ambiental tem sido vinculada ao conceito de meio ambiente e ao modo como este era percebido. O conceito de meio ambiente reduzido exclusivamente a seus aspectos naturais não permitia apreciar as interdependências, nem a contribuição das ciências sociais à compreensão e melhoria do meio ambiente humano." (Dias, 1992, p. 25)

Sendo assim, este segundo grupo de concepções de Educação Ambiental diferencia-se primordialmente, por apresentar um conceito de meio ambiente baseado nas relações dinâmicas entre os aspectos naturais e sociais. Esse entendimento diferente do conceito de meio ambiente está intimamente relacionado com uma nova abordagem para a relação homem-natureza e um **novo fazer** da Educação Ambiental.

O relato de um projeto de Educação Ambiental no Vale do Ribeira(SP) ilustra claramente algumas dessas mudanças:

"Todas as fases do presente trabalho, principalmente as atividades executadas na região, foram desenvolvidas de modo a possibilitar e estimular a expressão e discussão das opiniões de cada indivíduo (. .)Acreditamos que só a partir da troca de conhecimentos com alunos e com a comunidade pode ter início um processo de reflexão que reorientará novas formas de ação, assim como promoverá a organização social em torno de uma causa comum.(. . preocupação com outros fatores sociais como higiene, saúde e saneamento básico, que no caso específico da região do Vale do Ribeira são tão importantes como a questão ambiental, foi outra característica marcante durante as atividades de trabalho (...)

A Educação Ambiental portanto, deve ultrapassar a fronteira do conhecimento científico e preocupar-se com os aspectos sociais, políticos e econômicos que interligam-se na questão da preservação ambiental (...)"

(Stasi et al, 1989, p. 913 e 914 - grifo nosso).

O relato dessa experiência evidencia a dicotomia entre a questão ambiental e fatores sociais, políticos e econômicos. Tanto, que o grupo percebe essas últimas questões como fatores importantes e essenciais, que devam estar contemplados em um trabalho de Educação Ambiental mas ainda separados em princípio, da mesma.

Além de uma concepção de meio ambiente mais ampla e de um outro entendimento para a relação homem-natureza, que procura alternativas de desenvolvimento preservacionistas, pode-se perceber neste grupo metodologias e conteúdos bastante diferenciados em relação ao "grupo conservador". As práticas de Educação Ambiental inseridas na linha da Ecologia Social abordam não apenas conceitos de Ecologia e informações sobre os ecossistemas relacionados ao trabalho, mas também conhecimentos relativos as questões de saúde, saneamento básico e outras questões do âmbito social. As atividades empreendidas procuram estimular a discussão e reflexão dos participantes acerca dos temas tratados.

Simões (1995) delinea um segundo grupo de "discursos ambientais" a partir da identificação de algumas características próprias. Este segundo grupo diferencia-se por procurar discutir as relações sociais que determinam historicamente as relações com a natureza e, para a autora, trazem concepções que potencialmente seriam mais transformadoras. Ela destaca os seguintes pontos, notados nos discursos do segundo grupo:

- propõem sociedades ecologicamente sustentáveis e socialmente justas e equitativas;
- manifestam preocupação em relação à valorização da diferença, do respeito ao outro, a todos os seres vivos;
- evidenciam o papel importante da EA na construção de uma nova sociedade.
- estimulam ações concretas em um contexto real.

Não existe clareza neste grupo identificado por Simões quanto às práticas e concepções educativas. Em alguns trechos dos discursos citados pela autora identifica-se uma concepção de Educação tão comportamentalista quanto no primeiro grupo, ao mesmo tempo que em outros trechos existe a idéia de transformação e construção da sociedade por meio da Educação.

Esse grupo definido por Simões encontra algumas semelhanças com duas das correntes de Educação Ambiental identificadas por Sorrentino.

Na análise de Sorrentino a terceira corrente de EA, que ele denomina como "Gestão Ambiental", aparece no Brasil no período da ditadura militar, relacionada a movimentos que lutavam contra a poluição provocada por indústrias. Esses movimentos lutavam também por liberdade democrática, reivindicando a participação da população na administração dos espaços públicos e na tomada de decisões que envolvessem o futuro da população.

A quarta corrente é pautada por uma análise mais política, e é denominada "Economia Ecológica". Segundo Sorrentino essa linha tem por base as idéias do ecodesenvolvimento. Como característica geral essa é a corrente que procura difundir a utilização da tecnologia e normalmente é relacionada às ONG's, comunidades rurais e associações ambientalistas. O pesquisador esclarece que essa corrente não é homogênea e identifica duas vertentes: a do desenvolvimento sustentável, que aglutina empresários, governantes e uma parcela das

organizações-não-governamentais; e a das sociedades sustentáveis<sup>4</sup>, que agrega todos aqueles que se encontram na oposição ao atual modelo de desenvolvimento.

Essa classificação, embora com critérios variáveis dentro da classificação construída, permite alguma aproximação com o trabalho de Simões. A linha conservacionista é identificada por ambos, de diferentes maneiras, sendo que Simões ressalta mais o caráter apolítico destes movimentos. As duas vertentes da "Economia Ecológica" aproximam-se dos segundo e terceiro grupos definidos por Simões. Nesses casos, o ponto essencial de diferenciação é a proposta de transformação para a sociedade e a busca de um novo modelo de desenvolvimento.

No diagnóstico realizado pela SMA (São Paulo, 1994) o quarto grupo de concepções de Educação Ambiental se aproxima muito das outras correntes definidas por outros autores e do grupo da "Ecologia Social" de nossa análise, por ter como "entender os problemas ambientais próximos e buscar soluções que são vistas no sentido mais amplo do exercício da cidadania." (São Paulo, 1994, p. 25)

### **Grupo da Ecologia Política**

Este terceiro grupo de concepções de Educação Ambiental particulariza-se por apresentar uma proposta de transformação social e pela busca de um novo modelo de desenvolvimento, além de um conceito de meio ambiente mais amplo e metodologias mais participativas como encontradas no grupo anterior.

Essa proposta de transformação social é o que Carvalho (1991) identifica como a questão central de diferenciação entre os discursos ecológicos "oficiais". ou seja, de organizações governamentais e agências comprometidas com essas instituições, e o discurso ecológico alternativo, proferido pelas ONG's e instituições ligadas aos movimentos sociais.

Para a autora a educação é vista como componente importante nos dois grupos de discurso, no entanto a autora ressalta diferenças profundas nas abordagens para as questões educativas. O discurso oficial reduz as questões ecológicas à questão educativa e tenta colocar no indivíduo toda a responsabilidade pelos problemas ambientais, esquecendo as políticas públicas e deixando de lado as dimensões política e histórica. Embora os discursos alternativos coloquem a Educação como um instrumento de mudança importante, a mesma não é considerada o único meio de transformação para se alcançar as mudanças desejadas mas é antes vista como mais um elemento no processo de construção dos ideais ambientalistas.

Os dois discursos fazem referência às questões planetárias ou à busca de soluções em escala global (desterritorialização das questões ambientais). Novamente, a diferença acontece nas soluções propostas e na própria visão ou entendimento dos problemas ambientais.

Um programa de Educação Ambiental proposto por uma organização não-governamental ilustra algumas das características desse grupo de concepções, seja pela forma

---

<sup>4</sup> Em nossa análise, esta última vertente assemelha-se com nosso terceiro grupo de concepções de Educação Ambiental e será mais discutido à frente.

de se colocar perante as questões ambientais da região,

"De início, é importante lembrar que o método agrícola utilizado pelos agricultores do Vale do Ribeira não é necessariamente devastador. A acelerada descaracterização ambiental da região é consequência dos grandes projetos agropastoris, imobiliários e mineradores que iniciaram atividade mais recentemente. O Vale permaneceu preservado mesmo com a existência dos pequenos agricultores.(...)"

seja por apresentar uma proposta inovadora em termos metodológicos,

"(...) O que realmente importa dentro de um programa de educação é que as comunidades se organizem e façam dessa organização a sua força de luta na busca de condições dignas de vida."

"(...) essa pesquisa participativa não pode ser um mero levantamento de dados, mas sim, uma auto-reflexão promovida junto à comunidade que leve à aquisição de uma consciência crítica de sua realidade." (Capobianco, 1990, p. 203).

O grupo de concepções denominado por Simões de "**ecologia política**" é aquele com o qual a própria autora se identifica. Ela ressalta que a definição não é a mais adequada e que se trata de uma tendência do pensamento ambientalista em plena construção. As principais idéias nessa linha seriam:

- as concepções de natureza são construções sociais, que evoluem historicamente;
- a natureza é explorada de forma predatória tanto pelo modelo econômico capitalista como pelo socialista;
- o "ecodesenvolvimento" (a autora não explicita seu entendimento deste conceito) é uma nova alternativa para desenvolvimento;
- crítica ao utilitarismo, à ideologia da sociedade industrial, ao positivismo científico, ao consumismo, à centralização excessiva de poder e ao etnocentrismo;
- valorização: de aspectos espirituais, da questão da mulher, da idéia de natureza sagrada", da busca por autonomia, autogestão e utilização de tecnologias alternativas;
- crença em uma democracia "pluralista e participativa".

Simões ressalta a linha política presente nestes discursos e conclui que o elemento chave na distinção dos diferentes grupos é a presença de uma proposta de transformação dos modelos de desenvolvimento atuais e de toda a sociedade. Ela coloca ainda importantes reflexões acerca do movimento ambientalista e questiona qual o melhor lugar para a ação educativa na questão ambiental. A autora argumenta que, embora a EA se relacione a tudo (nesta última concepção, especialmente) não pode ser considerada como única e exclusiva solução para os problemas ambientais, sociais, políticos etc, pois aí pretende-se onipotente e torna-se vazia. Ela defende a relação homem-natureza como eixo de ação, procurando um caminho, ainda que bastante flexível.

Pode-se encontrar nas características do "discurso ecológico alternativo" estudado por Carvalho vários dos elementos característicos do grupo da "ecologia política" como definido por Simões e da vertente "Sociedade Sustentável" que faz parte da "Economia Ecológica", segundo a classificação de Sorrentino. Estas diferentes denominações revelam

uma concepção de Educação Ambiental voltada para as questões históricas, sociais e políticas, que busca a transformação da sociedade (valores e comportamentos) e dos meios de produção. O ideal espiritual também é um componente importante, indicado nas análises dos diferentes autores.

Mais do que coincidências, esses elementos em comum refletem o que diferentes olhares e abordagens para a Educação Ambiental encontram de característico, traçando os novos perfis da Educação Ambiental.

<b>RELAÇÃO ENTRE AS DIFERENTES TIPOLOGIAS</b>			
	<b>GRUPO CONSERVADOR</b>	<b>GRUPO DA ECOLOGIA SOCIAL</b>	<b>GRUPO DA ECOLOGIA POLÍTICA</b>
<b>SIMÕES</b>	- Primeiro grupo	- Segundo grupo	- Terceiro grupo
<b>SORRENTINO</b>	- Corrente Conservacionista - Corrente da Educação ao ar livre	- Corrente da Gestão Ambiental - Corrente do Desenvolvimento Sustentável/Economia Ecológica	- Corrente das Sociedades Sustentáveis/Economia Ecológica
<b>SMA</b>	- Primeiro grupo- Terceiro grupo	- Quarto grupo	- Quarto grupo

### **Referências**

CAPOBIANCO, J. P. Conservação de remanescentes florestais através da Educação Ambiental In: *Anais do 6º Congresso Florestal Brasileiro*. Campos do Jordão, SP. 1990

CARVALHO, I. (SMA). *Territorialidades em Luta: uma análise dos discursos ecológicos* - São Paulo. Coordenadoria de Informações Técnicas Documentação e Pesquisa Ambiental Instituto Florestal, 1991

COLL, C. ; POZO, R. I. SARABIA, B. & VALLS, E. *Os conteúdos da Reforma: Ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. São Paulo: Artmed, 1998.1 82p.

DIAS, G. F. Os quinze anos da Educação Ambiental no Brasil: um depoimento *Em Aberto*, Brasília, ano 10, nº 49, jan./mar. 1991

DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo, Hucitec, 1996.1 70p.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GRÜN, M. *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.120 p.

MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.120 p.

REIGOTA, M. Fundamentos teóricos para a realização da Educação Ambiental Popular *Em Aberto*, Brasília, ano 10, n<sup>o</sup> 49, jan./mar. 1991

REIGOTA, M. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 1994a. (Coleção Primeiros Passos)

REIGOTA, M. Por uma filosofia da Educação Ambiental In: Magalhães, L. E. (org.) *A Questão*

*Ambiental*. São Paulo: Terragraph, 1994b. p. 311-329

REIGOTA, M. Educação Ambiental: Fragmentos de sua história no Brasil In: Noal et al. *Tendências da Educação Ambiental Brasileira*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 1998. p.11-26.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Educação Ambiental na Escola Pública. São Paulo: SMA, 1994. 40p.

SÃO PAULO (ESTADO) SMA. *Educação Ambiental em Unidades de Conservação e de Produção*. São Paulo. Coordenadoria de Educação Ambiental, 1991

SILVA, W. & FORNASARI, N. *Unidades de Conservação e Áreas Correlatas no Estado de São Paulo*. IPT São Paulo, 1992

SIMÕES, E. *Uma Educação Ambiental possível: a Natureza do programa da ilha*. São Paulo, 1995. 183p. Dissertação (mestrado em Educação) - PUC, São Paulo.

SORRENTINO, M. - *Educação Ambiental e Universidade: um estudo de caso*. São Paulo, 1995. Tese (doutorado em Educação) - FEUSP, São Paulo.

STASI, L. C. et al Educação Ambiental na região do Vale do Ribeira, SP: uma tentativa de mudança de conduta In: *Ciência e Cultura* 41(9) p. 911-914, 1989.

TRAJBER, R. e MANZOCHI, L. H. (coord.) *Avaliando a educação ambiental no Brasil: materiais impressos*. São Paulo: Gaia, 1996. 226p.